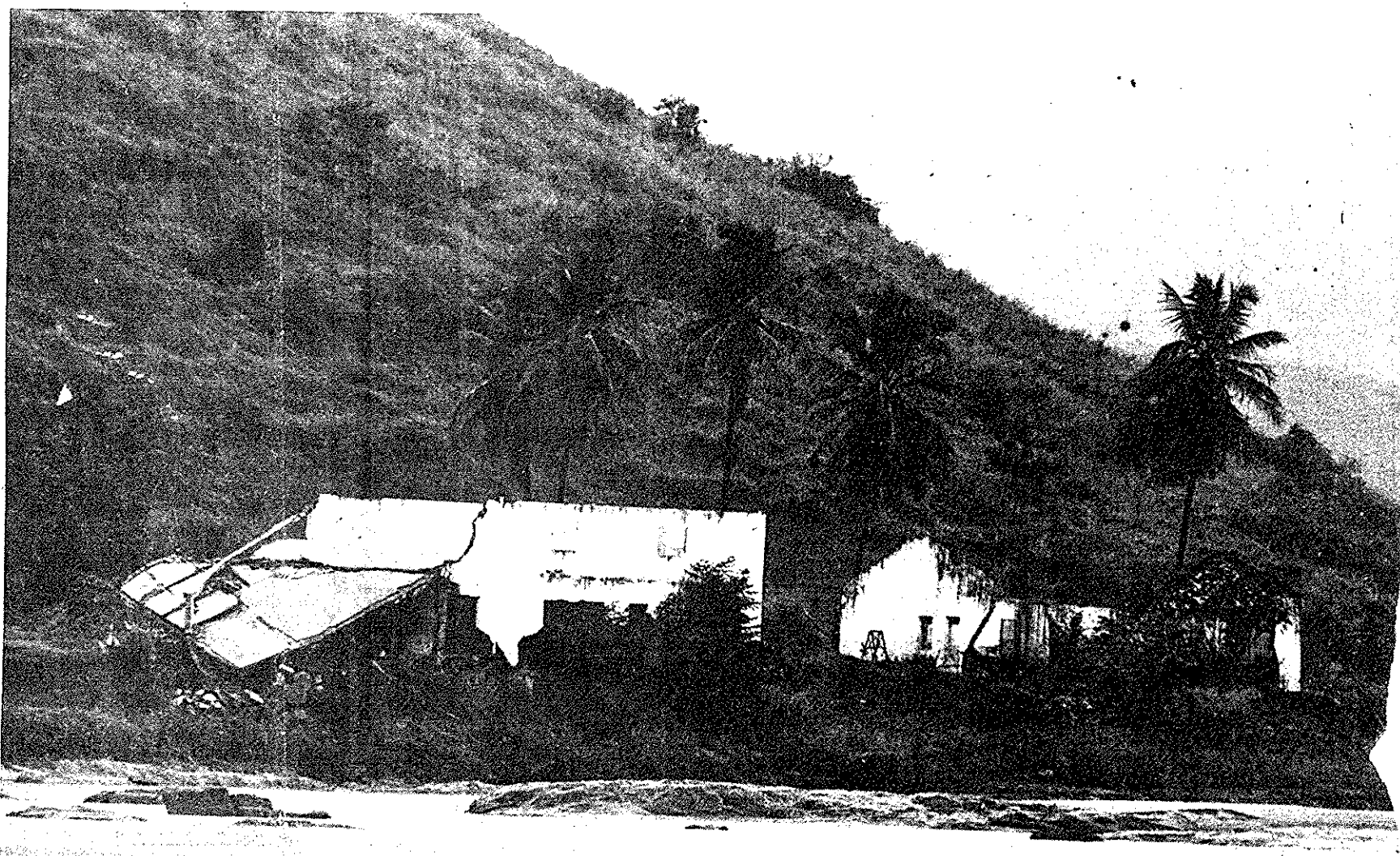


O amargo regresso dos Krenques (I)

Hiram FIRMINO
Fotos de Evandro SANTIAGO

Quatro homens, seis mulheres e 17 crianças krenques, algumas recém-nascidas ainda, parte dos últimos remanescentes dos índios Botocudos em Minas Gerais, estão doentes, passam fome e podem ser atacados a qualquer momento pelos fazendeiros de Resplendor, no antigo posto indígena, há 420 quilômetros de Belo Horizonte, que agora os têm como invasores. Os índios fugiram domingo passado da Fazenda Guarany, município de Carmésia — para onde foram transferidos em 1972 — apanhando o trem em Itabira, de volta à sua terra natal, às margens do Rio Doce. O delegado-regional da Funai, Carlos Roberto Grossi, prometeu protegê-los e não coagá-los a retornarem à reserva. Ele também acredita que os índios só sairão dali mortos, por considerarem a região — hoje em ruínas devido às enchentes —, como um lugar sagrado, onde foram enterrados seus antepassados. Os repórteres Hiram Firmino e Evandro Santiago foram ao local ver a situação. Aqui, o primeiro relato deles:



A aldeia ameaçada os Krenques, em Resplendor. Ou o que eles encontraram, seis anos depois. E o Rio Doce, no dialeto indígena "Rio Grande" ou "Rio Largo", cada vez mais poluído

No Iatu, sem história, famintos e desesperados

DIXAMOS o asfalto em Governador Valadares e pegamos a estrada de terra rumo a Resplendor, quase divisa do Espírito Santo. Andamos mais 35 quilômetros até Capitão Vito. No entroncamento de Mantena, logo à frente, entramos à direita, para Galiléia, 30 quilômetros depois. As 17h30m, passávamos por Barra do Coité.

Mais dez quilômetros, passamos por Conselheiro Pena, uma das cidades mais atingidas pelas enchentes do ano passado. Não entramos na cidade. Passamos pela primeira ponte sobre o Rio Doce, que ali se divide em dois. Depois pela outra. Pegamos uma estradinha de terra menor ainda, à esquerda do Posto 38 da estrada-de-ferro Vitória-Minas, que segue paralela à linha, na direção leste. É a única via de acesso a Resplendor, que fica 46 quilômetros depois.

Rodamos mais uns 30 quilômetros até o Posto 37 onde há um acampamento da Cia Vale do Rio Doce. Já era noite, o pessoal informou da janela mesmo:

— Os índios voltaram sim. Eles chegaram domingo passado, no trem das duas e meia.

— Aonde é que eles estão?

— Em Krenaque.

— Mas aonde é?

— Tudo isso aqui.

Depois, completaram:

— Vão seguindo esses anapiês (tipo de capim que a Rede usa margeando a estrada-de-ferro) aí, até dar no "Bar do Pingo", o primeiro. Lá, qualquer um pode informar melhor.

Rodamos mais um pouco. Estava chovendo. No boteço, mal acabados de chegar, um homem se aproximou. Era o fazendeiro Moacir Pereira de Souza, 60 anos, que mora em Governador Valadares e explora duas propriedades na região há mais de 30 anos.

— Reportagem? Engraçado! E pensar que isso ainda acontece no Brasil de hoje. Vocês saíam de Belo Horizonte pra vir aqui perder tempo com índio.

— Eles voltaram? — perguntamos.

— Quem?

— Os índios.

— Ah, os índios?... Eles voltaram sim, mas por conta própria. Estavam na reserva e resolveram vir pra cá sem ordem alguma do Governo.

— O senhor não acha isso certo?

— Absolutamente — o fazendeiro tirou os óculos e passou a mão na cabeça — isso aqui é área federal. Essa região foi permutada pelo governo do Estado, que deu uma outra área em troca pros índios, em Maxacalis.

— Mas eles dizem que a terra deles é aqui.

— Que deles o quê?! Esses índios são tutelados feito crianças, pelo governo. E criança não pode dizer que tem esse ou aquele direito, que é aqui ou ali.

— Aonde é que é a aldeia deles, o lugar onde estão?

— É lá do outro lado do rio. Mas não dá mais procês irem lá hoje não. Também não tem mais aldeia, coisa nenhuma. O lugar onde eles estavam, até seis anos atrás, foi cedido à Prefeitura de Resplendor, que construiu ali um patronato. Só que a benfeitoria foi levada pelo enchente, lá hoje é só ruína. Os índios tão lá, vocês acreditam?

— O senhor não gosta deles?

— Índio é bicho rebelde, não gosta de trabalhar. Vai pra São Paulo, pra tudo quanto é lugar, não pára em nenhum deles.

Neste momento, passou um Fiat com placa oficial devagarinho, na porta do buteco, como se nos observasse. O fazendeiro tentou aproximar-se do veículo, já sabendo quem estava lá dentro, mas o motorista acelerou o Fiat e foi embora.

Moacir voltou à carga:

— Olha, a questão agora é essa. Esses índios voltaram sem ordem, agora eles são invasores e pronto. Mas, se vocês acham que eles são importantes, então que a missão de vocês seja proveitosa.

Nós ainda lhe perguntamos:

— Qual é a área atual dos índios na região?

— Ocupados por eles, uns 13 alqueires — o fazendeiro respondeu.

— O senhor é vizinho deles?

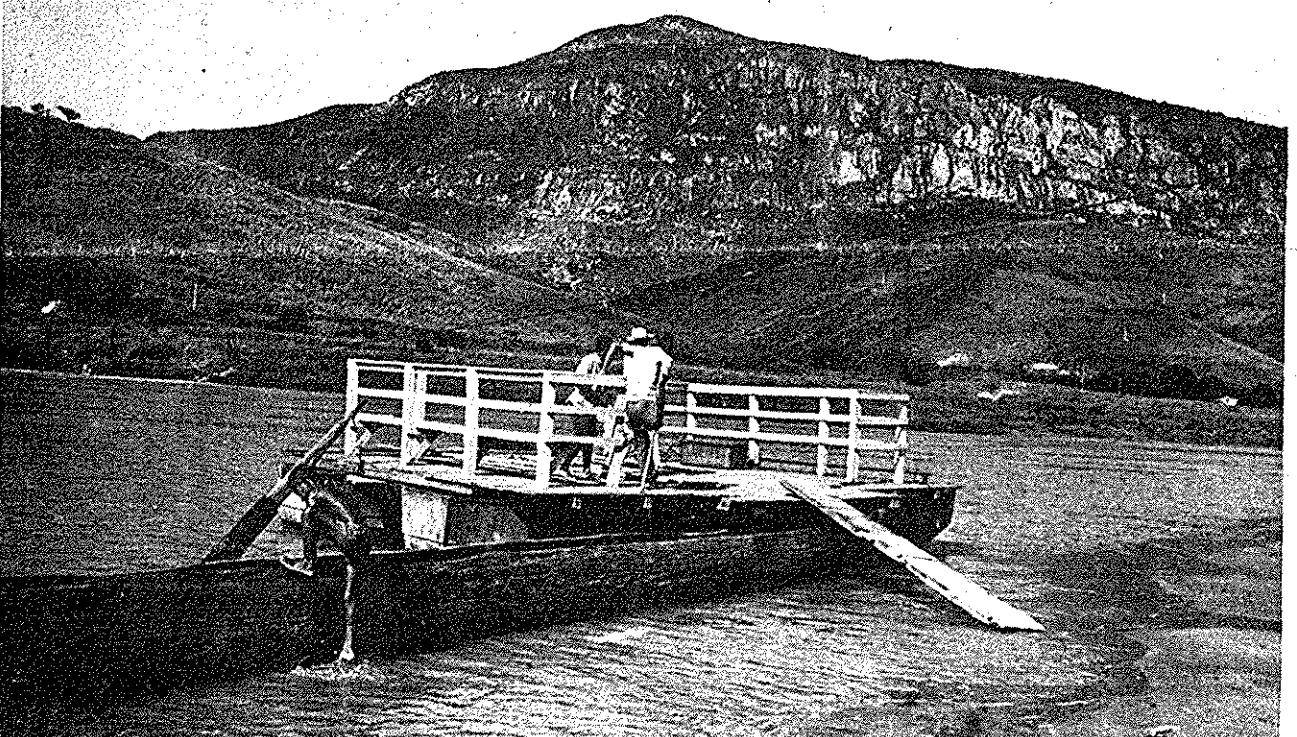
— Sou. Tenho duas propriedades aqui. Uma do lado de lá do rio, outra do lado de cá.

— Qual é a área?

— As duas juntas, uns 110 alqueires.

A beira d'água

Nós ainda tentamos chegar aos Kren-



A barca que atravessa o Rio Doce ou Iatu. Ao fundo, a Serra dos Krenques (foto de arquivo)

naques. Vamos até à beira do rio, próximo à barcaça. Só dava pra perceber a fogueira e uma radiola tocando do outro lado. O barqueiro não estava. Mas, nisso, o Fiat chegou também, os seus ocupantes hesitando em sair:

— Que que vocês estão fazendo aqui? — perguntaram-nos.

— Viemos ver os índios.

— Os índios? Ah, sei... — Ficaram calados. Depois resolveram se identificar. Saíram do carro:

— Boa noite! Carlos Roberto Grossi, delegado-regional da Funai em Governador Valadares.

O outro:

— Como é que vai? Eustáquio Machado, administrador da Fazenda Guarany (de onde os índios fugiram), em Carmésia.

Pedimos ao delegado então que nos contasse qual a situação real dos índios. Ele confirmou que, de fato, os Krenques moraram ali até 1972, quando foram transferidos para a região de Guanhaes. Disse que nesta reserva há outros grupos indígenas também, como os Pataxós e os Xirintas, que não lhes causam problemas.

— Eu, inclusive — disse o delegado

— fui indicado pela presidência da Funai para propor um projeto de desenvolvimento comunitário entre eles, na Fazenda Guarany. Estive lá há duas semanas apenas e isso que aconteceu me surpreendeu, pra dizer a verdade. O retorno deles pra aqui não foi uma decisão da Funai, pelo contrário.

— E o que vocês vão fazer agora?

— Estamos tentando o retorno voluntário deles. É por isso que estou aqui, até já conversei com eles. O problema é que eles dizem que não vão voltar.

— Quantos são eles?

— Um 25 pessoas. Três famílias Krenques.

— E eles não podem ficar aqui?

— Esta área agora é da Ruralminas que a cedeu à Associação São Vicente de Paulo.

— Mas dizem que não existe mais nada lá, que a enchente carregou tudo. A Ruralminas ainda utiliza a área?

— Não. Não utiliza, não.

— E na sua opinião, essa terra é de quem?

O delegado da Funai respondeu:

— E deles mesmo. É terra de seus pais, seus avós e bisavós.

— É por isso que eles querem ficar aqui?

— Também porque aqui tem rio.

— Ué? Lá na Fazenda Guarany não tem rio?

— Não tem não.

A esta altura, mais à vontade, o delegado disse que era natural de Jacutinga, região montanhosa do Sul de Minas. Perguntamos-lhe sobre Carmésia, onde os Krenques estavam há seis anos. Ele respondeu:

— São cinco mil hectares de terra sem um rio sequer. Lá só tem córrego e riacho.

— Então é por isso que eles vieram pra cá?

— Acredito mais no vínculo sentimental pela terra onde moraram e foram enterrados seus antepassados.

— Mas, então, que argumentos vocês estão oferecendo pra eles voltarem?

— Na Fazenda Guarany realmente há uma carência de quase tudo. Mas lá é possível darmos a eles condições de sobrevivência.

— Como?

— Através de atividades agrícolas, nós podemos fixá-los lá.

— Mas eles não abandonaram tudo isso?

— Abandonaram. Isso foi até uma surpresa pra mim — enfatizou. Eles sempre me diziam que um dia voltariam pra cá, aquela velha história, mas eu nunca acreditei que pudessem fazer isso. Eles até me pediram um trator, como condição para ficar lá.

— E vocês deram o trator pra eles?

— Não deu tempo. Não houve tempo de resolvermos a carência.

— Mas eles não pediam isso há seis anos, desde que foram transferidos pra reserva?

— Acontece que a Funai tem muitas outras reservas que também precisam de projetos, estudos etc.. E tudo isso leva tempo. A gente ia resolver a situação pra eles agora.

— Mas...

— O problema é o seguinte. Esses grupos indígenas aculturados, se não houver injeção de recursos, implantação de técnicas de produção, eles acabam ficando mesmo à margem do desenvolvimento. Lá não tem caça, nem pesca, nem nada. Eles têm é de acompanhar o progresso.

Lirismo triste

Perguntamos ao administrador da Fazenda Guarany, que não dizia nada, sobre o que ele achava da situação. Eustáquio Machado apenas respondeu:

— Eles me disseram que vieram a Resplendor somente para visitar seus parentes.

— Você também acha que eles devem voltar?

— Acho sim. Nós temos vários projetos pra eles lá.

— Mas eles querem ficar aqui, insistimos.

O delegado regional da Funai interviu e Eustáquio não disse mais nada:

— A situação agora não é mais de direito, é de fato. E a nossa preocupação maior é com as crianças, com a situação precária de como eles estão alojados aqui. As crianças que nasceram lá na reserva não estão acostumadas aqui, vão sofrer muito com a mudança.

— Mas elas não são índias?

— São, mas não nasceram aqui. Nasceram na Fazenda Guarany, não estão acostumadas com água. Elas vão pular no rio, podem morrer nele.

O delegado fez uma pausa, depois explicou:

— Quería só que vocês frisassem isso na reportagem. Eu não posso dar entrevista. A Funai nos proíbe isso. Estou apenas prestando algumas informações.

A conversa já havia terminado, não fosse a declaração de Evandro, mostrando-se cansado com a viagem:

— Pois é. Cheguei ontem de São Paulo e já estamos aqui...

O delegado interrompeu:

— Ué, e você veio aqui só pra isso? Qual foi o enfoque, a dimensão da reportagem dada pelo seu jornal?

Evandro estranhou, mas respondeu à pergunta:

— A de que a metade dos 50 índios do dialeto dos Krenques, transferidos há seis anos para a Fazenda Guarany, perto de Carmésia, atrás da Serra do Cipó, tinha tomado o trem de Itabira e partido para a sua terra natal, aqui, em Resplendor, levando mulheres e 15 crianças. Que todos eles estavam gravemente enfermos, que lá onde estavam não havia qualquer assistência, que a região é muito montanhosa e fria, bem diferente daqui, onde seus antepassados viviam.

Falou ainda da lenda que lhes garantiriam, um dia, a volta de toda a tribo a uma terra de promessa, bastante fértil, muito além de um grande rio. Ao que o delegado da Funai comentou, em seguida:

— Muito lírico isso. É até cinematográfico.

P.S. — Vamos dormir em Resplendor. Amanhã cedinho vamos ver os índios.

Como os Krenques foram extintos

"Últimos remanescentes dos Botocudos em Minas, os Krenques são vítimas de um violento processo iniciado em 1808, com a legislação joanina". Esta informação foi divulgada ontem, em Belo Horizonte, pelo Grupo de Estudos da Questão Indígena (CREQUI), Departamento de Sociologia e Antropologia da Fafich, UFMG e Associação Mineira de Defesa Ambiental. Aqui o documento conjunto, que mostra a história dos Krenques:

"O decreto 5462, de 10.12.1920 do Governo do Estado de Minas Gerais doa à União uma área de 4.000 hectares, situada na margem esquerda do Rio Doce, no município de Resplendor, para ser ocupada principalmente pelos índios Poijth e Krenaks, que já ocupavam a área desde tempos imemoriais.

Em 1910, os Botocudos do Rio Doce foram agrupados em torno dos Pepiniques e Pancas, quando da criação do Serviço de Proteção ao Índio.

Em 1920, data da doação, foi instalado o Posto indígena "Guido Marlière", para onde foram transferidos 22 índios Krenaks. Isso, em 1926. Em 1942, eram 59 os índios Olio.

"Em dezembro de 1972, o cel. Bandeira de Mello, da Funai, representante do capitão Pinheiro, e o governador de Minas, Rondon Pacheco trocaram a área do Rio Doce, a esta altura apenas 13 alqueires, pela Fazenda Guarany. Em março de 1970, a Funai entrou com uma "ação de reintegração de posse" para reaver toda a área do posto, invadida por fazendeiros. Foi dado um prazo de 30 dias para a retirada. Os ocupantes contrataram o advogado Alexandre de Alencar, de Resplendor, para defendê-los perante a Funai.

Foi elaborado um memorial, enviado ao presidente Médici, alegando haver um direito de posse dos invasores por estarem ali há 50 anos (o documento de demarcação datado de 1920

é claro quanto à inexistência desses ocupantes), que estes eram trabalhadores, contribuindo para o progresso, etc. Alegava também a inexistência de índios na área a não ser dois velhos Jacó (falecido na fazenda Guarany) e Sebastiana (ainda viva).

Em maio de 1970, o secretário particular da Presidente da República, Sérgio H. Médici, mandou sustar a ação de despejo sob a alegação de que a doação do Estado à União "objetiva a fundação de colônia destinada aos índios Krenques e Poijthas, ora extintos".

Tanto a ação da Funai, quanto o processo do sr. Alexandre, objetivavam uma situação que justificasse aos invasores e a própria Funai a transferência dos indígenas da área, solucionando tranquilamente o "problema social dos colonos", que não teriam para onde ir.

Desta forma, iniciaram-se os entendimentos para uma troca da Região Krenaque por uma área do Parque Florestal Cel. Fabriciano. Segundo o

gal. Bandeira de Mello, devido a "dificuldades que estariam surgindo", estes entendimentos foram sustados e a área do Parque substituída pela Fazenda Guarany, no município de Carmésia, de propriedade da PMMC.

O representante da Funai havia mantido entendimentos também com o Secretário da Agricultura, Alysso Paulinelli e com o comandante da PM. Ele disse, na época, que ambos estavam de acordo.

A Fazenda Guarany, porém era economicamente improdutiva, ao contrário da área do Rio Doce, fértil, rica em minérios e pesca abundante.

"A tramitação foi toda feita sem o conhecimento dos índios Krenaks, interessados diretos na questão. Segundo a Lei nº 5.875, de 16/05/72, foi legalizada a doação da Fazenda Guarany à Funai, e não aos índios. O capitão Manoel dos Santos Pinheiro, chefe da ajudância MG/BA, declarou que a transferência do posto Krenak para a Fazenda Guarany "foi efetuada de acordo com a programação aprovada

pela Presidência da Funai, transcorrendo sem qualquer problema".

A operação começou no dia 9 e foi encerrada no dia 24/12/72.

"O Cap. Pinheiro não declarou que os índios foram levados à força, ameaçados de prisão caso não a aceitassem. O líder da tribo, Joaquim Grande, que se recusava a deixar a terra, seu ponto de referência do mundo, foi levado algemado, tendo demenciado após o ato de força. Os Krenaks o acusam de ter ganhado muito dinheiro para promover a troca de terras".

"Os Krenaks da década de 70, no século XX, são os remanescentes do processo de dizimação que vitimou os índios botocudos desde a época da colônia. E que se aguçou, particularmente em Minas, em 1808 com a legislação que garantiu a posse da terra aos que devastaram a mata Atlântica e o Vale do Rio Doce, num processo de expansão agrícola".

Em 1969, houve a infiltração de bebida no Posto dos Krenaks como uma forma de pressão dos civilizados, para desencadear um processo de desajustes e conflitos que justificasse uma intervenção. Culminada a violência, em 1972 eles foram transferidos, trazendo a desintegração do grupo. Na Fazenda Guarany eles não tinham condições de sobrevivência juntos. Foram obrigados ao convívio com grupos estranhos, desde os colonos até os índios Pataxós do sul da Bahia, que para lá se deslocam como um refúgio à tomada também de suas terras, e com os índios Guaranis, transferidos em 1973 do Espírito Santo".

"Os Krenaks desde então afirmavam que não ficariam naquelas terras. Além da insatisfação com a terra, eles tinham consciência de que a sua transferência foi um ato de poder e abuso de autoridade. E sentem, por outro lado, que aquela terra não é realmente a deles, ali não encontrarão a sua história e a sua razão de ser. Foi por isso que eles voltaram".



Dizem que Lucinda ou Puuiricã, com 90 anos, também fugiu da Fazenda Guarany e aguarda ali a volta de Joaquim Grande, seu marido, que foi levado algemado e hoje estaria demente